

• OURO •
QUEBRADO

crônicas

• • •
Aldo Moraes

2ª edição fac-similada

Ouro Quebrado

Crônicas

2ª Edição

Fac-similada

EDIÇÃO COMEMORATIVA
Centenário do Nascimento de Aldo Moraes

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA MANIA DE LER



Aldo Moraes

Ouro Quebrado Crônicas

2ª Edição
Fac-similada

EDIÇÃO COMEMORATIVA

Centenário do Nascimento de Aldo Moraes

CULTURA



Edições
Governo do Estado

**EDUA**

Manaus - AM
2003

UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Copyright © 2003 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura
Universidade Federal do Amazonas
Universidade do Estado do Amazonas

Coordenação Editorial
Renan Freitas Pinto (UFAM)
Antônio Auzier (SEC)

Projeto gráfico (miolo)
Danielle de Oliveira Reis

Capa
Márcia Tribuzy

Foto da Capa
Renan Freitas Pinto

Catlogação na Fonte

M 827 Moraes, Aldo

Ouro quebrado: crônicas / Aldo Moraes;
[apresentação] Renan Freitas Pinto.--2ª. ed. fac-
similada.-- Manaus: Secretaria de Estado da
Cultura, Universidade do Estado do Amazonas,
Ed.da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

143 p.: 17cm

1. Crônicas amazonenses I. Título

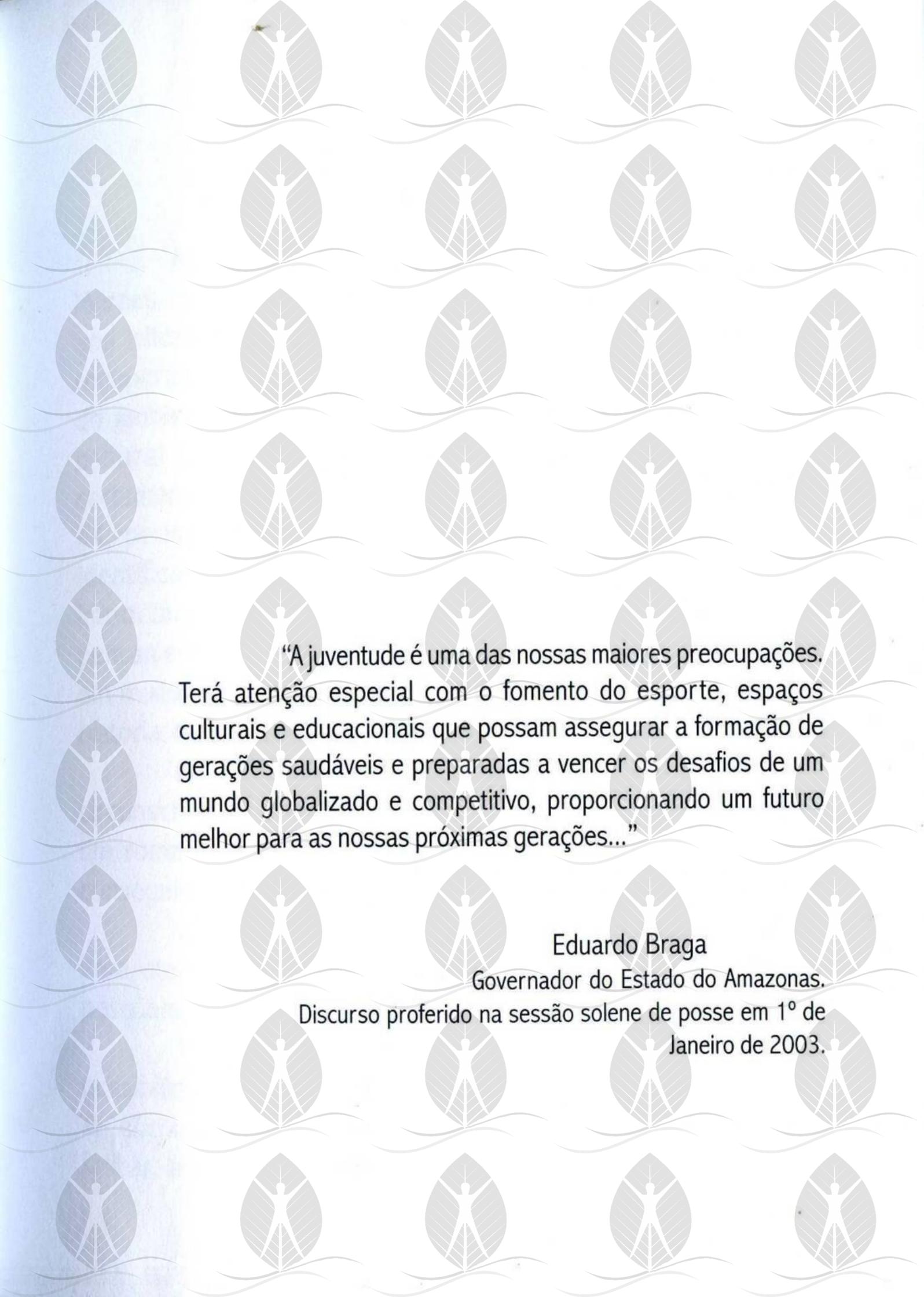
CDU 821.134.3 (811.3)-94

CULTURA

Secretaria de Estado
Av. sete de Setembro, 1546
69005-141 - Manaus - AM-Brasil
Tels: (92) 633 2850 / 633 3041 / 633 1357
Fax: (92) 233 9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
www.culturamazonas.am.gov.br

EDUA

Editora da Universidade Federal do Amazonas
Rua Monsenhor Coutinho, 724 - Centro
Telefax: (0xx92) 231-1139 / e-mail: edua@fua.br
Manaus – AM CEP 69.010-110



“A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...”

Eduardo Braga
Governador do Estado do Amazonas.

Discurso proferido na sessão solene de posse em 1º de
Janeiro de 2003.

APRESENTAÇÃO

A reedição de Ouro Quebrado, livro de crônicas de Aldo Moraes, originalmente publicado em 1942 em Manaus, oferece aos leitores atuais a oportunidade de conhecer uma obra cuja recuperação atual nos ajuda a melhor compreender aspectos do ambiente literário e intelectual de um processo de mudança cultural que ainda se encontra em curso. Útil também será certamente para uma história das idéias na Amazônia no século XX, período que, apesar de bem recente, ainda necessita de identificação e interpretação que reflita adequadamente sua importância como elemento esclarecedor da formação do pensamento brasileiro. Do mesmo modo seu conhecimento atual em muito contribuirá para trazer novas sugestões para uma nova história da literatura do Amazonas.

Infelizmente a carreira literária de Aldo Moraes ficou circunscrita, ao que parece, a esse único livro. Haveria escrito um romance destinado a concurso literário nacional, mas nada conseguimos saber sobre os destinos dos originais da obra.

Reeditar tem sido uma necessidade constante das editoras para atender a procura pelo público leitor daquelas obras que possuem interesse permanente e crescente.

Há também, com a reedição de algumas obras, a possibilidade de despertar, as vezes do sono profundo em que se encontravam, textos preciosos que assim novamente podem brilhar, as vezes de forma mais intensa do que antes.

Acreditamos que esse é bem o caso de uma nova edição de Ouro Quebrado, com o fato de trazermos para os leitores de hoje o ímpeto criativo das inúmeras idéias e percepções do mundo que estão contidas no interior dessa obra única de Aldo Moraes.

Do ambiente político, intelectual e literário em que atuou certamente é um autor que apresenta um interesse particular e que se diferencia de modo marcante dos outros autores seus contemporâneos. Além da perspectiva socialista que já esperávamos identificar em seu livro há idéias que insinuam uma clara aproximação com autores como Nietzsche e Schopenhauer e com o pensamento anarquista e libertário. Há também indicações de que sua leitura de Marx foi bastante independente.

Há contraposições entre a arte, a cultura e a vida que são bastante próximas das que encontramos em Nietzsche, como a idéia de unidade, que ele recusa, pois fere o princípio da complexidade da natureza. Como também no trecho em que admite que as coisas só se afirmam pelos seus contrários, e que portanto “a arte nasceu com os que não souberam viver. Logo a arte é reação, quase a inexistência, outro mundo, outra vida”. A História por sua vez, seria a mansão das incoerências da Humanidade, o grande armazém do heterogêneo.

Ao buscar a compreender o papel da crítica e dos críticos diante da arte, assevera que “o melhor crítico é a vida mesma”, tendo a princípio negado a leitura para afirmar a experiência direta e colocando o sofrimento acima da cultura.

Quanto à mediocridade espiritual, esta diminui a vida, influi na decadência física e tem “sua percentagem científica na responsabilidade das doenças e da morte”. E, enquanto arte

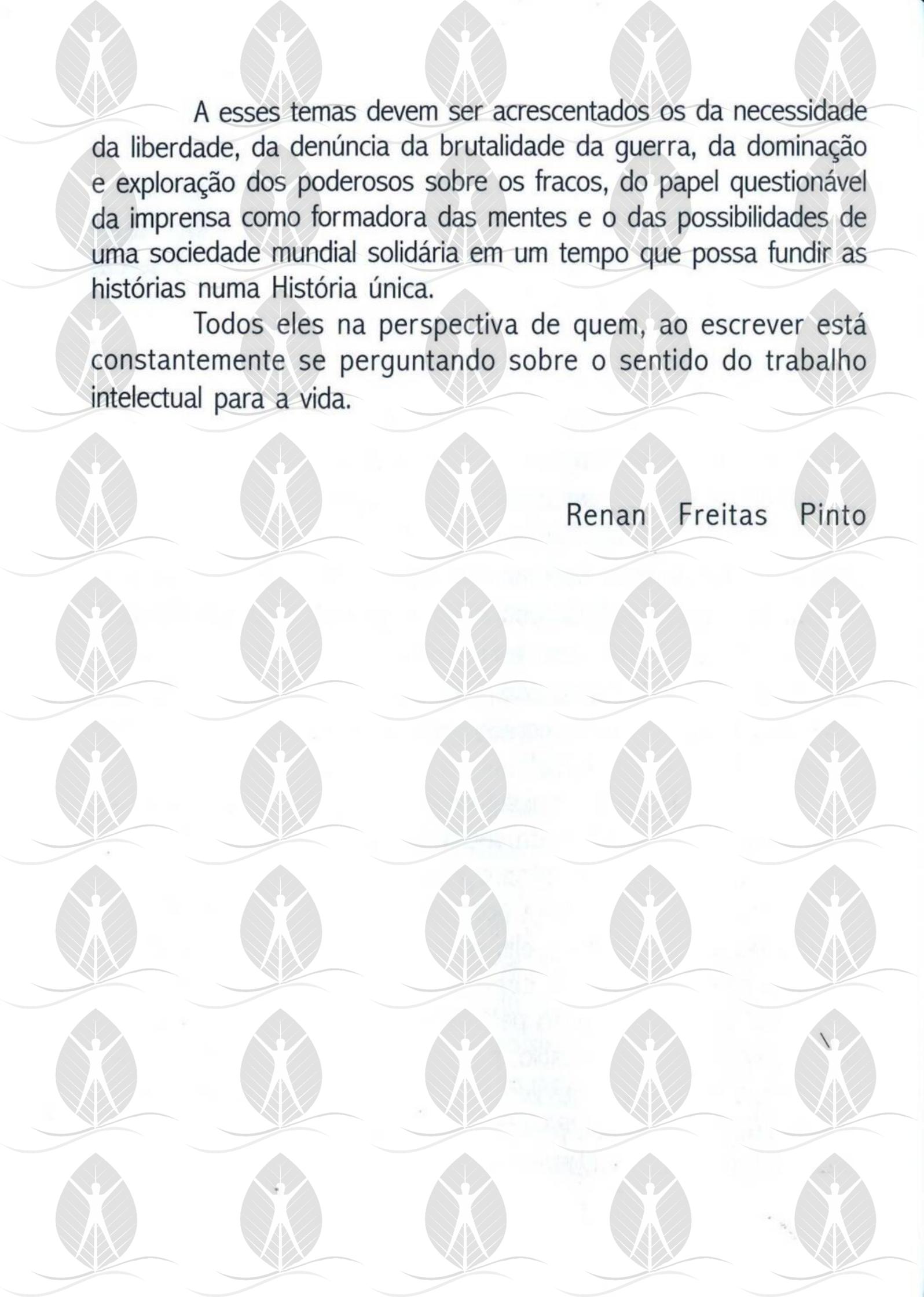
busca a explicação da vida em seu próprio sangue, a cultura a extrai do sangue dos outros.

Outra aproximação que não poderia deixar de chamar a atenção é a relativa ao papel dos livros e da leitura na atualidade, com as idéias de Schopenhauer sobre esse tema, quando este adverte sobre o perigo que representa a disseminação indiscriminada de livros ruins e da multiplicação das edições cujo interesse exclusivo é o lucro.

Aldo Moraes, em direção semelhante, dirige sua crítica aos que transformam os livros nos “cadáveres embalsamados das idéias” ao tê-los como elementos decorativos onde “a lista simétrica das coleções lembra a algidez de moedas sem curso embutidas nos estojos de uma exposição numismática”. Tudo isso para afirmar a importância dos bons livros e da leitura lembrando que, “quem lê adquire uma leveza capaz de flutuar nas maiores tempestades”. Ler é outra arte, “as vezes a grande arte dos que abandonaram a arte, desesperados pela impossibilidade de penetrar o espírito de todas as coisas”.

Ouro Quebrado, possui ainda importantes sugestões no terreno da teoria literária e da sociologia da arte e do gosto.

Para deixar ao leitor o prazer de fazer suas próprias descobertas, concluímos esta apresentação com uma referência à questão do estilo que, para ele, não seria “o exotismo das últimas palavras que recolhemos com aparência de beleza”, mas “a expressão do nosso respeito pela verdade” pois a quem pensa mal não se pode atribuir um estilo, pois “o contrário disso será o estilo selvagem, o estilo dos excessivos da frase, que vão lançando mão de tudo quanto enfeita, sem perguntar pela precisão do seu emprego, sem indagar de sua propriedade”.



A esses temas devem ser acrescentados os da necessidade da liberdade, da denúncia da brutalidade da guerra, da dominação e exploração dos poderosos sobre os fracos, do papel questionável da imprensa como formadora das mentes e o das possibilidades de uma sociedade mundial solidária em um tempo que possa fundir as histórias numa História única.

Todos eles na perspectiva de quem, ao escrever está constantemente se perguntando sobre o sentido do trabalho intelectual para a vida.

Renan Freitas Pinto



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**